

AS TÉCNICAS DE ADMINISTRAÇÃO DO CAPITAL DE GIRO NAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO DISTRITO FEDERAL LOCALIZADAS NA CIDADE DE TAGUATINGA SUL

Helen Cristina Pereira

Resumo: Este artigo vê como objetivo realizar um estudo da utilização de técnicas de administração do capital de giro nas micro e pequenas empresas, localizadas em Taguatinga Sul, cidade afastada 25 km da capital do país do Distrito Federal Brasileiro, e a importância de uma administração adequada, utilizando-se de uma pesquisa descritiva, uma vez que expõe a administração do capital de giro. A pesquisa bibliográfica possibilitou a importância do planejamento financeiro, visto que a falta de recursos adequados em curto prazo; é uma das razões frequentemente citadas para a falência das empresas menores. Visando identificar algumas falhas na administração, foram elaboradas 12 perguntas abertas, todas relacionadas ao planejamento de curto prazo em micro e pequenas empresas localizadas no Distrito Federal, especificamente na cidade de Taguatinga Sul. Os resultados da pesquisa evidenciam a necessidade de um planejamento financeiro, bem como uma reserva de caixa, e uma negociação de pagamentos.

Palavras-chave: Administração do capital de giro; Planejamento financeiro; Técnicas da administração do capital de giro; Ciclo de caixa, Estoques.

Abstract: This article aims to undertake a study of the use of techniques of administration of the capital of spin on micro and small enterprises, located in South Taguatinga, 25 km away from the town capital of the country of the Brazilian Federal District) and the importance of a proper administration, using a search is descriptive, since explained the administration of working capital. The bibliographic research enabled the importance of financial planning, since the lack of adequate resources in the short term; It is one of the reasons often cited for the failure of the smaller companies. To identify some flaws in the administration, were drawn up 12 questions open, all related to a short-term planning in micro and small enterprises located in the Federal District, specifically in the city of South Taguatinga. The results highlight the need for financial planning, as well as a reserve of cash, and a negotiation of payments.

Keywords: Administration capital of spin; Financial planning; Technical administration of the capital of spin; Loop cash; Stock.

Introdução

A sobrevivência das micro e pequenas empresas - MPE's - depende em grande medida da administração dos recursos financeiros e, sobretudo dos recursos ligados ao capital de giro. Nesta situação marcada por concorrência acirrada entre empresas, alto custo financeiro e taxas de juros excessivas, o controle do capital de giro é indispensável para a manutenção das atividades da empresa. A administração do capital de giro nas MPE's se torna uma tarefa vital não somente para gerar lucro, mas também para assegurar a sustentabilidade das mesmas.

A falta de informações estruturadas e organizadas referentes às micro e pequenas empresas do Distrito Federal constitui um empecilho para o diagnóstico e a solução dos problemas encontrados nas mesmas. Os estudos existentes na área financeira das MPE's são limitados às pesquisas do SEBRAE, além de envolver todo o país e não apenas especificamente o Distrito Federal.

Um estudo elaborado por pesquisadores do Banco Nacional de Desenvolvimento-BNDES concluiu que as micro e pequenas empresas tiveram um papel fundamental na geração de empregos no Brasil entre 1996 e 2000. o trabalho recomenda a criação de incentivos para a sobrevivência destes empreendimentos, principalmente com mais disponibilidade de crédito.

Os dados coletados no Ministério do Trabalho e Emprego indicam que das 335.200 firmas criadas em 1996, apenas 173.800 continuavam existindo em 2000. Neste período, as micro e pequenas empresas que sobreviveram foram responsáveis pela contratação de mais de 379.000 trabalhadores. Ao mesmo tempo, os médios e grandes estabelecimentos criados em 1996 e que continuaram a existir dispensaram 28.000 pessoas.

Segundo o estudo elaborado por Sheila Najberg e Fernando Pimentel Puga (2006), as empresas de menor porte, mesmo enfrentando mais dificuldades, conseguiram apresentar um crescimento expressivo na geração de empregos, enquanto nas médias e grandes foi registrada uma redução.

As micro e pequenas empresas respondem por 45,8 % dos empregos formais no país. Os pesquisadores advertem: o estudo é feito a partir de informações da Rais-Relação Anual de Informações Sociais, questionário que só considera as empresas formalizadas. Portanto, o estudo não leva em consideração o setor informal que, segundo o censo de 2000, emprega 49% dos trabalhadores brasileiros. Uma pesquisa do Sebrae de São Paulo, coordenada por Marco Aurélio Bedê, nas MPE's mostra que 55% das empresas entrevistadas, desejam empréstimo para investir em capital de giro.

Visto a importância do capital de giro, nas MPE's, esta pesquisa tem como objetivo verificar a utilização de técnicas da administração do capital em algumas MPE's do Distrito Federal, especificamente em Taguatinga Sul.

Conceito de capital de giro:

Conforme Brigham e Weston (2000), o termo capital de giro teve origem com os antigos mascates ianques, que carregavam suas carroças com mercadorias e percorriam suas rotas vendendo seus artigos. A mercadoria era chamada de capital de giro, pois era o que o mascate vendia (girava) para gerar seus lucros. A carroça e o cavalo eram financiados com capital próprio, compondo os ativos fixos do mascate, porém o capital para a compra das mercadorias era financiado pelos bancos e eram chamados de empréstimos para capital de giro, que deveriam ser saldados ao fim de cada viagem para a continuidade do crédito

De acordo com Gitman (1997) "Capital de giro" refere-se aos ativos circulantes que sustentam as operações do dia-a-dia das empresas. Já o capital de giro ou circulante líquido é a diferença entre os ativos e passivos circulantes.

A expressão capital de giro, Segundo Ross (2000), refere-se aos ativos a curto prazo da empresa, tais como estoques, e aos passivos a curto prazo, tais como pagamentos devidos a

fornecedores. A administração do capital de giro da empresa é uma atividade cotidiana que assegura que os recursos sejam suficientes para continuar a operação, visando evitar interrupções dispendiosas. Isso envolve diversas atividades relacionadas aos recebimentos e desembolsos da empresa.

O capital de giro são os bens da empresa, formados por recursos monetários, que são indispensáveis para as operações organizacionais, representados em caixa disponíveis e estoques. A administração do capital de giro para Assaf Neto (1997), significa a administração das contas dos elementos giro, ou seja, dos ativos e passivos circulantes, tais como as contas caixa, estoques, contas a receber e contas a pagar e todo o seu gerenciamento financeiro, com o objetivo de manter e determinar o nível de rentabilidade e liquidez.

Segundo Souza (1996), o capital de giro representa o valor total dos recursos demandados pela empresa para financiar o seu ciclo operacional. O gerente financeiro precisa sempre monitorar o capital de giro, visto que ele sempre sofre impactos no panorama econômico, enfrentados pelas empresas diariamente.

Para Berti (1999), capital de giro é o montante estipulado, empregado à aplicação dos meios de produção, de forma que a empresa complete o ciclo operacional. Por meio dos autores, capital de giro é, portanto um conjunto de valores necessários a qualquer tipo de organização, para fazer seus negócios girarem. O capital de giro deve ser acompanhado e monitorado frequentemente, pois ele sempre está sofrendo impactos, desde uma redução nas vendas, e até mesmo aumentos de custos, dentre outros.

Ciclo operacional e ciclo de caixa:

O ciclo de caixa inicia-se quando as compras de matérias-primas são pagas e termina quando se recebe o pagamento das contas a receber. A linha de tempo do fluxo de caixa compreende um ciclo operacional e um ciclo de caixa. A necessidade de tomada de decisões financeiras a curto prazo é indicada pela defasagem entre as entradas e as saídas de caixa. Essa defasagem depende da duração do ciclo operacional e do prazo para pagamento de contas. Essa defasagem pode ser coberta pela obtenção de empréstimos ou pela manutenção de uma reserva de liquidez em títulos negociáveis. Pode ser encurtada pela alteração dos prazos de estoques, contas a receber e contas a pagar.

As finanças a curto prazo preocupam-se com as atividades operacionais a curto prazo. As atividades operacionais a curto prazo típicas de uma empresa industrial envolvem esta seqüência de eventos e decisões, conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1 – Ciclo Operacional e Ciclo de Caixa

| Eventos | Decisões |
|-----------------------------|--|
| 1. Compra de matéria- prima | 1. Quanto estoque devemos investir? |
| 2. Pagamento de compras | 2. Tomar dinheiro emprestado ou usar o saldo do caixa? |
| 3. Fabricação do produto | 3. Que tecnologia de produção deve ser usada? |
| 4. Venda do produto | 4. Vender a vista ou a prazo para os clientes? |
| 5. Recebimento do dinheiro | 5. Como cobrar? |

Fonte: Ross (2002, p. 413)

Essas atividades conforme Ross, Westerfield e Jaffe (1995), geram padrões não sincronizados e incertos de entradas e saídas de caixa. Não são sincronizados porque os pagamentos de compras de matéria-prima não ocorrem ao mesmo tempo em que o recebimento de dinheiro correspondente à venda do produto. São incertos porque as vendas e os custos futuros não são conhecidos com certeza.

Segundo Ross, Westerfield e Jaffe (1995), o objetivo básico, na administração de caixa, é fazer com que o investimento nesse ativo seja tão pequeno quanto possível, sem prejudicar a eficiência e a eficácia das atividades das empresas.

Ingredientes de um Modelo de Planejamento Financeiro

Conforme, Ross, Westerfield e Jaffe (2002, p. 590), assim como as empresas diferem em termos de tamanho e produtos, os planos financeiros não são idênticos para todas as empresas. Entretanto, possuem alguns elementos comuns:

- **Previsão de vendas.** Todos os planos financeiros exigem uma previsão de vendas, previsões de vendas exatas não são possíveis, porque as vendas dependem do comportamento futuro e incerto da economia. As empresas podem obter ajuda, para esse fim, de empresas especializadas em projeções macroeconômicas e setoriais.
- **Demonstrações projetadas.** O plano financeiro conterá projeções de balanço, demonstração de resultado e demonstração de origens e aplicações. Essas são as chamadas demonstrações projetadas.
- **Necessidades de ativos.** O plano descreverá os gastos de capital próprios projetados. Além disso, discutirá as aplicações propostas de capital de giro líquido.
- **Necessidades de financiamento.** O plano conterá uma seção tratando de esquemas de financiamento. Esta parte do plano deve discutir a política de dividendos e a política de endividamento. Às vezes, as empresas pretenderão aumentar seu capital vendendo novas ações. Nesse caso, o plano deverá considerar os tipos de títulos a serem vendidos e os métodos mais apropriados de emissão.
- **Premissas econômicas.** O plano deve enunciar explicitamente o ambiente econômico que a empresa vigorar durante o prazo do plano. Entre as premissas econômicas a serem feitas deve pelo menos haver alguma taxa de juros.

Administração de Contas a Receber

Assaf Neto (1997) define administração dos valores a receber as dívidas a prazo decorrentes da venda de produtos e ou serviço. Neste caso, os giros operacionais dos valores a receber são finalizados pelo recebimento de dinheiro.

Berti (1999) conceitua valores a receber como direitos a receber dos clientes, num determinado período de tempo, correspondente à prestação de serviços ou venda de produtos, normalmente retornados por meio de dinheiro.

São denominadas contas a receber, conforme explica Almeida (2000), o momento em que o bem for efetivamente prestado a terceiros.

Contas a receber é todo o dinheiro que o cliente deve para a empresa, portanto elas influenciam bastante no capital de giro, e não devem ser administradas sem nenhum critério, é importante que haja uma boa administração, visto que as contas a receber, são resultados de venda a prazo, ou seja, o cliente leva o produto e depois devolve o recurso. Portanto, quanto mais prazo a empresa oferecer, mais recursos disponíveis a empresa deverá ter no momento.

As transações que representam contas a receber, para Almeida (2000), são respectivamente:

- Os adiantamentos diversos (férias, viagens, 13º salário), empréstimos a empregados e administradores;
- Os impostos a recuperar;
- Empréstimos a terceiros.

Para administrar as contas a receber é necessário avaliar as sobras e a falta de recursos da empresa; disponíveis no presente momento, e seus reflexos gerados por decisões tomadas em relação às compras.

Sistema just-in-time

O sistema *just-in-time*, conforme explica Gitman (1997), é usado com vistas a minimizar o investimento em estoques. Sua filosofia é de que os insumos devem ser recebidos no exato momento em que são requeridos na produção. Por isso deve existir uma forte coordenação entre a empresa, colaboradores, fornecedores e transportadores, para assegurar que os materiais cheguem no tempo certo. Pois se isso não acontecer, haverá paradas na linha de produção.

Segundo Gitman (1997), o objetivo do sistema just-in-time é a eficiência na produção. Os estoques servem como meio para sua consecução, na medida em que a ênfase na qualidade é colocada tanto sobre matérias-primas utilizadas quanto na pontualidade das entregas. Operando satisfatoriamente, o sistema JIT faz com que as ineficiências do processo se revelem e sejam resolvidas. O JIT exige um grande esforço de toda a equipe (fornecedores, colaboradores, transportadores). Os colaboradores devem buscar a excelência, aprimoramentos constantes e 100 % de qualidade nos itens produzidos. Caso eles não se empenhem nesses objetivos, o sistema JIT provavelmente será malsucedido.

Conforme Assaf (2002, p. 162), a filosofia do *just in time* supõe que a empresa somente deve produzir aquilo que tiver demanda. Inexistindo tal ênfase, o gestor de cada unidade da empresa, para melhorar seu desempenho, geralmente procura produzir sempre mais, independente da existência de demanda. Isto acontece em decorrência dos chamados custos fixos – custos que não se alteram com a quantidade produzida e dos custos administrativos. Por dar início ao processo econômico da empresa somente quando existir demanda, o JIT termina por buscar a eliminação dos estoques.

Estratégias na área financeira:

Os responsáveis das pequenas e médias empresas têm como problemas comuns na área financeira a inexistência de controles financeiros, a falta de previsão e controle de vendas a ausência de sistemáticas de compra de programas, (o que dificulta a administração do capital

de giro).

Definir estratégias na área financeira, portanto, é definir os objetivos institucionais e os avanços funcionais que se pretende alcançar, bem como os diferentes níveis de prioridade. É definir, também, os meios pelos quais se pretende conseguir os resultados esperados.

Ross, Westerfield e Jaffe (1995) caracterizam as decisões financeiras de longo prazo como aquelas relativas ao orçamento de capital, política de dividendos e estrutura de capital. As decisões de curto prazo envolvem as questões relativas aos ativos e passivos circulantes, exercendo, na maioria das vezes, impacto sobre a empresa no prazo de um ano.

O planejamento financeiro de curto prazo constitui elemento imprescindível para a definição e a viabilização de estratégias. Ross, Westerfield e Jaffe (2002, p. 596) concluem que o planejamento financeiro força a empresa a refletir sobre o futuro e a fazer previsões. Envolve os seguintes itens:

- A empresa deve construir um modelo financeiro, um planejamento de suas receitas, de seus gastos, para facilitar a longo e a curto prazo a administração.
- Descrever diferentes cenários de evolução futura, desde o pior até o melhor. Assim a maioria dos acontecimentos previstos não será nenhuma novidade, pois a organização já está preparada para os acontecimentos.
- Usar os modelos para elaborar demonstrações financeiras projetadas, que melhor se adaptem as necessidades específicas.

O planejamento financeiro da empresa não deve se transformar numa atividade puramente mecânica. Se isso ocorrer, provavelmente se concentrará nos aspectos errados. Em particular, os planos são formulados com frequência excessivamente grande em termos de uma meta de crescimento, sem envolver um vínculo explícito com a criação de valor. Apesar disso, a alternativa ao planejamento financeiro é avançar aos trancos e barrancos.

Metodologia

A Metodologia pautou-se no critério de classificação proposto por Vergara (1997): Quanto aos fins: É classificada como descritiva, uma vez que pretende expor a administração do capital de giro nas MPE's do DF, o gerenciamento de compras a pagar, compras a receber, fonte de recursos, ciclo operacional, ciclo de caixa. Quanto aos meios: é classificada como uma pesquisa bibliográfica: consultas de livros, dissertações, e uma pesquisa de campo. E os dados serão levantados por um questionário com 12 questões abertas.

Conforme Gil (1999),

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.

Procedimentos metodológicos

A Pesquisa utilizou conceitos específicos sob do tema: A Administração do Capital de Giro selecionando os principais conceitos, com uma revisão da literatura, e a aplicação de um questionário com 12 perguntas abertas, (Apêndice A).

Para alcançar os objetivos, foram entrevistadas, com 12 perguntas abertas, 30 MPE'S, de vários setores de comércio, localizados em Taguatinga Sul, uma cidade , afastada 25 km de Brasília (Capital Federal), que vêm crescendo a cada dia, gerando milhares de empregos, nos mais diferentes tipos de comércio, e atualmente é um pólo de atração, com grandes shopping centers, e 250 mil habitantes, sendo o maior centro industrial e comercial do Distrito Federal.

Análise dos dados

O resultado documental permitiu levantar dados fundamentais para esta pesquisa, percebendo-se que 80% dos empresários; (conforme apêndice B, gráfico 1), conhecem a importância da administração do capital de giro, mas encontram algumas dificuldades para uma boa administração do capital dentre elas:

Tabela 2 – As principais dificuldades encontradas na administração do capital de giro nas MPE's entrevistadas.

| Dificuldades | Frequência (%) |
|---|----------------|
| Juros bancários | 26 |
| Administração de estoques | 14,7 |
| Dificuldades na obtenção de empréstimos | 13,3 |
| Redução nas vendas | 13,2 |
| Aumento nas despesas | 6,6 |
| Inadimplência das empresas | 6,6 |

Fonte: A autora

Entende-se que são vários os motivos que as empresas enfrentam ao administrar o capital de giro, o que aumenta a chance de atrasar pagamentos, e conseqüentemente 80% das empresas compram a prazo, (por não possuir reserva em caixa, mesmo se estiver grandes descontos, excluindo a possibilidade de negociar pagamentos). Ver apêndice B, gráfico 2.

A análise do questionário permitiu levantar dados importantes para esta pesquisa, percebendo que as MPE's não possuem negociações de pagamentos, reservas de caixa, e um controle efetivo do ciclo de caixa, e 68% das empresas atrasam pagamentos, e somente 32% mantêm suas contas em dia. Conforme mostra o gráfico, 3 que se encontra no apêndice B.

A maioria dos empresários (65%) gostaria de tomar empréstimos, se houvessem taxas de juros reduzidas, compatíveis com suas receitas, no presente momento, o que revela que muitas empresas estão com dificuldades na administração do capital de giro. Conforme gráfico 4 que se encontra no apêndice B.

Algumas das empresas, (26%), não optariam por empréstimos, somente por que não conseguiriam pagar. Visto também, que estão enfrentando por problemas de inadimplência na praça, dentre outras questões, e 4% não concordam com as excessivas taxas de juros.

Muitas empresas (80%) possuem contas jurídicas separadas das contas físicas, portanto no momento de dificuldades, recorrem a recursos pessoais para suprir suas necessidades, o que dificulta mais ainda a administração do capital de giro. Ver gráfico 5, apêndice B.

Baseado no estudo realizado, juntamente com as informações obtidas do questionário, sugere-se que os empresários optem por uma reserva de caixa, negociem pagamentos, aproveitando descontos, desenvolvendo um planejamento financeiro de acordo com seu tipo de negócio, com auxílio de planilhas, como por exemplo, o excel, ajustadas conforme cada tipo de necessidade.

Sugestões

Como proposta para as MPE'S com dificuldades na administração do capital de giro, poderão implementar nos estoques o sistema ABC, “ *Técnica de administração que classifica os estoques em três categorias, por ordem decrescente de importância, quanto ao valor dos investimentos feitos em cada uma.*” (GITMAN, 1997, p. 716) Pode-se também reduzir ativos permanentes (venda de algum bem), o que aumenta o saldo de caixa, e resulta em uma reserva de caixa, para enfrentar mudanças inesperadas, negociar pagamentos, assim aproveitando descontos, controlar a inadimplência dos clientes, quando na maioria das vezes é consequência da diminuição da renda dos clientes, e se a inadimplência for decorrente de práticas de crédito inadequadas, é recomendável uma redução no prazo de pagamentos concedidos aos clientes.

Quando a empresa puder negociar suas dívidas, ela estará adiando as saídas de caixa, e melhorando provisoriamente seu capital de giro, assim ajudará até que a empresa se ajuste financeiramente. Observando que a empresa deve possuir uma rentabilidade, caso contrário irá trazer novos problemas de caixa.

Uma das sugestões poderá ser primeiramente identificar gastos supérfluos ou desperdícios, que possam ser cortados, sem grandes prejuízos.

Adotando simples medidas, as MPE's poderão identificar problemas do capital de giro, ajustando com as estratégias das empresas, adequando ao tipo de negócio.

Conclusão

Neste artigo foram apresentados os principais conceitos da administração do capital de giro, bem como as principais dificuldades encontradas pelos empresários para suprir as empresas de recursos financeiros necessários para a realização de operações básicas, permanentes (venda de algum bem), o que aumenta o saldo de caixa, e resulta em uma reserva de caixa; negociar pagamentos, assim aproveitando descontos.

O acompanhamento e uma eficiente administração do capital de giro são de grande importância para a saúde dos negócios, visto que muitos empresários misturam despesas físicas com despesas jurídicas, o que resulta em problemas em curto prazo, e que conseqüentemente acarreta dificuldades na administração, fazendo com que a empresa apresente um estado de insolvência.

Lembrando que a administração do capital de giro não são somente medidas financeiras, é um sistema que deve haver uma interação de estratégias organizacionais, práticas gerenciais,

operações, que precisam ser repensadas antes de se tomar decisões. O importante é fazer com que o capital de giro volte à normalidade, se o mesmo se encontra em dificuldades.

A presente pesquisa, com base na metodologia escolhida, apresentou algumas dificuldades e limitações quanto à coleta e tratamento dos dados:

- A dificuldade de encontrar as pessoas responsáveis pelas empresas, na maioria os donos são os próprios administradores, e a falta de tempo para que ele pudesse responder as questões;
- A coleta dos dados, visto que algumas questões não foram respondidas, no momento da entrega do questionário, o que dificultou novamente o encontro com o respondente.

Não há uma regra, nem almenos uma fórmula em geral, para qualquer empresa que esteja passando por dificuldades, pelo contrário, cada empresa possui necessidades específicas, que devem ser ajustadas conforme o tipo de negócio.

Ressalta-se que para futuras pesquisas um aprofundamento na administração de estoques, visto que muitas empresas não possuem técnicas eficientes, para determinar a quantidade ótima de pedido que minimize os custos totais – custos de pedir e manter – de estoques.

Referências

ALMEIDA, Marcelo Cavalcanti. **Princípios Fundamentais de Contabilidade Normas Brasileiras de Contabilidade**. São Paulo: Atlas, 2000;

ASSAF NETO, Alexandre. **Estrutura e Análise de Balanços**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2002;

BEDÊ, Marco Aurélio. O financiamento das MPE's no Estado de São Paulo. Disponível em: <http://sebraesp.com.br/principal/conhecendo%20a%20mpe/estudos%20tem%c3%a1ticos/documentos_mpes/finac_2004_final.pdf>;

BERTI, Anélio. **Análise do Capital de Giro – Teoria e Prática**. São Paulo: Ícone, 1999;

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 206 p.

GITMAN, Lawrence J. **Princípios de Administração Financeira**. 7ª edição. Harbra, 1997;

NAJBERG, Sheila; PUGA, Fernando Pimentel. **Estudo do BNDES conclui: micro e pequenas empresas empregam mais**, 2006. Disponível em <http://www.catho.com.br/jcs/inpuer_view.phtml?id=4704> Acesso em: 12 de setembro de 2007.

ROSS, Stephen A., WESTERFIELD, Randolph W. & JAFFE, Jeffrey F. – **Administração Financeira**, Atlas, São Paulo, 1995;

ROSS, Stephen A.; WESTERFIELD, Randolph W.; JORDAN, Bradford D. **Princípios de administração financeira**. 2ª edição São Paulo: Atlas, 2000;

ROSS, Stephen A.; WESTERFIELD, Randolph W.; JORDAN, Bradford D. **Princípios de Administração Financeira**. Corporate Finance. 2ª edição São Paulo: Atlas, 2002;

SOUZA, A. F.; LUPORINI, E. de M.; SOUZA, M. S. **Gestão do Capital de Giro**. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, V.1, N° 3, 2º SEM./96;

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 1997.

WESTON, J. F.; BRIGHAM, E. F. *Fundamentos da administração financeira*. Tradução de Sidney Stancatti. 10 ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2000.